

IGREJA DE S. PEDRO DE RATTES.

PORTUGAL.

XV.

IGREJA DE S. PEDRO DE RATTES.

UMA antiquissima e veneravel tradição, transmittida e comprovada pelas memorias e escriptos dos seculos christãos na nossa península hispanica, e pelas fundações religiosas da provincia do Minho, torna hoje indubitavel a existencia d'um arcebispo, ou bispo bracharense, denominado São Pedro de Rattes, nos tempos primitivos da igreja catholica.

O breviario da igreja de Braga abraçou com pia crença a historia do seu Santo Pontifice, e não duvidou consignar na legenda deste Santo tudo quanto a devota tradição pregoava da vida, martyrio, e milagres deste que reputava o primeiro de seus preladados, o plantador da doutrina catholica na Lusitania-romana. — Segundo a mesma lenda, copiada depois pelos escriptores nacionaes e estrangeiros, S. Pedro de Rattes foi um dos discipulos do apostolo Santiago, ao qual ou acompanhou sahindo da Palestina para a Hespanha, ou foi nesta região por elle convertido, e nella instituido pelo mesmo apostolo primeiro bispo de Braga. Conforme a esta lição, veio a recahir a missão e pontificado de S. Pedro de Rattes na primeira metade do 1.º seculo do christianismo, ahí pelos tempos do imperador Claudio. O facto nada encerra de repugnante ao fio e character da historia: o texto sagrado nos Actos dos Apostolos nos testifica da missão e prégação universal do christianismo por este tempo, em que os apostolos e discipulos de Christo se derramaram pelo universo, abarcando, e cobrindo, e envolvendo como n'uma vastissima rede os hebreus e os gentios. Segundo a providente economia, e designio desta divina missão, as primeiras e mais opulentas cidades do imperio romano foram escolhidas para

principal theatro da prégação apostolica; e a cidade de Braga não podia ficar esquecida nesta memoravel empreza. Cabeça dos povos bracharos-callaios, que os escriptores romanos chamavam = Lusitanorum fortissimi = foi Braga a rival de Merida, e distinguida pelo politico Octaviano, assim como aquella, com o nome d'*Augusta*: sua posição feliz, suas artes, e commercio maritimo a foram tornando um dos primeiros emporios da Hespanha-romana, de que era municipio, chancellaria, e tão vasta em sua povoação que fornecia ao imperio tres cohortes de soldados seus naturaes. Esta opulencia foi sustentada atravez dos seculos, porque o escriptor Ausonio, contemporaneo de Constantino, já quando a séde do imperio havia passado para Bizancio, que foi o começo da decadencia do occidente, ainda a contêmpla no numero das quatro primeiras cidades da Hespanha: =

Clara mihi post has memorabere nomen Iberum
Emmerita æquoreus quam præterlabitur amnis
 Submittit cui tota suos Hispania fœces.
Corduba non, non arce potens tibi *Tarraco* certat
 Quæque sinu pelagi jactat se *Bracara* dives.

Dizemos pois que a rica e opulenta Braga não podia verosimilmente ficar privada da prégação evangelica; e que apontando-nos a tradição, apoiada nos seus caracteres acreditaveis, a S. Pedro, como havendo sido o encarregado desta missão, rasoavel cousa parece não a engeitarmos desdenhosos, privando-nos voluntariamente da gloria que nos cabe desta primazia. A lenda do Breviario bracharense continúa dizendo, que o Santo prégador, confirmando sua doutrina com grandes maravilhas, bastantes a tornarem celebre sua pessoa entre a gente vulgar e principal, fôra chamado para curar a filha d'uma

personagem, príncipe ou governador do território, acometida furiosamente da lepra, á qual não somente sarou daquella incuravel enfermidade, mas converteu á lei do Evangelho: que irritado o governador [ao qual rectamente poderíamos capitular de proconsul ou propretor romano, encarregado de presidir á administração de tão vasta cidade e seu território], e escandalizado de ver plantada na sua mesma casa e familia a nova doutrina, mandou procurar o Santo bispo, que por petição e lagrimas de seus cathecumenos se havia retirado da cidade, e se acolhera a um pequenino e quasi occulto templo, levantado por seus discipulos novamente convertidos, no lugar de Rattes, a 4 leguas de Braga: mas sendo ahi mesmo descoberto pelos satellites do tyranno a tempo em que se achava orando no meio daquella porção do seu rebanho, alli foi barbaramente traspasado de golpes; e depois de morto [derramados os discipulos fugindo espavoridos da catastrophe], fôra coberto e submerso o santo corpo debaixo das ruinas do templo, derrocado pelos mesmos executores e reduzido a um montão de ruinas. Assim permaneceu muitos annos o precioso deposito, até que um eremita chamado Felix, que alli n'um monte visinho passava seus dias, descobriu as reliquias do Santo, e as depositou no mesmo lugar do mosteiro em devota capellinha, e elle mesmo dispoz junto dellas o seu jazigo, o que os fieis executaram depois da sua morte.

Até aqui a tradição, que todavia achámos confirmada em muitas de suas circumstancias. Existe ainda hoje dentro da igreja de S. Pedro de Rattes o sitio em que desde tempo immemorial se diz achado o corpo ou ossada do Santo; uma pequena capella indica o jazigo do anacoreta S. Felix; e o monte fronteiro, conhecido por este mesmo nome, é coroado d'uma Ermida ou capella consagrada ao mesmo Santo. Até o mesmo nome da povoação Rattes, villa antiquissima do termo de Barcellos, parece indicar-nos no classico do vocabulo um *oppidum*, ou burgo romano. D. Jeronymo Contador de Argote, nas suas eruditissimas memorias de Braga, inclina-se com boas conjecturas a crer que áquelle sitio chegavam embarcações romanas por um esteiro que desde a Apulia, ahi distante uma legua de mar, se estendia até áquelle povoação, misturado o dito outeiro com as aguas d'um pequeno rio que ainda hoje ahi passa por debaixo d'uma pequena antiga ponte: e que desta circumstancia de ser um porto de mar onde eram frequentes as barcas e galés romanas se deu ao sitio o nome = Rattes = que em latim significa embarcações.

De crer é que a veneração e culto tributado pelos fieis á memoria de S. Pedro crescesse no tempo da dominação dos povos do norte, quando convertidos ao christianismo; primeiro no dos suevos que tiveram sua cõrte em Braga, e depois no dos godos que lhes succederam e duraram até ao anno de 716 da era christã. Pela invasão sarracena soffreram quasi total ruina os monumentos sagrados, e provavel é que a igreja e o culto de S. Pedro de Rattes desaparecesse por algum tempo: mas o rei das Asturias, Affonso o Casto, resgatou o territorio do dominio dos arabes; e posto que Braga e sua sé estivessem então tão destruidas e ermadas que foi preciso adjudicar o seu governo ecclesiastico á cathedral de Lugo, é consequente com tudo se restaurasse e renovasse a memoria de S. Pedro de Rattes, porque a provincia d'entre Douro e Minho ainda que assoberbada, e por vezes devastada pelos

sarracenos, nunca foi permanentemente occupada e povoada por elles, dando-lhes a natureza do seu sólo montanhoso, e a visinhança com o reino christão da Galliza e Asturias, maior facilidade a se conservarem no meio das tormentas. A igreja porem de Rattes ficou arruinada até ao conde D. Henrique. No seculo 11.º em fim os filhos de Fernando o Magno de Leão, D. Garcia, rei de Galliza, e depois deste seu irmão D. Sancho, que encorporou de novo este reino no de Leão, restituiram a sé cathedral de Braga, e foi seu primeiro bispo da restauração D. Pedro. Desgraçadamente porem carecemos de memorias e documentos desse tempo, e só por indução podemos crer que assim e da mesma sorte que era levantada de suas ruinas a sé antiga de Braga, onde não podia esquecer a memoria do seu primeiro prelado S. Pedro de Rattes, que ahi tem capella propria, tambem o lugar do seu martyrio não ficaria sem alguma tal qual restauração, se é que de tempo anterior a não tinha.

Um seculo depois foi Portugal dado em dote da rainha D. Thereza a seu marido conde D. Henrique, os quaes estabelecida sua cõrte em Guimarães, e havendo muito promovido, dotado, e engrandecido as sés das cidades de Braga e Porto, unicas que até então se poderam restaurar das ruinas passadas, informados, e testemunhas presencias talvez, da devoção dos fieis para com S. Pedro de Rattes, traçaram levantar a bella igreja que ainda hoje se contempla com grande veneração e respeito no mesmo lugar. É ella um templo gothico de tres naves, formadas estas por pilares de pequenas columnas reunidas em grupo arredondado: capella mór de mediana grandeza com duas capellas no cruzeiro da igreja. As paredes são grossissimas, de pedra de cantaria lavrada; granito grosseiro, mas tão rijo que sete seculos decorridos o não tem podido gastar nem desunir. A fórma exterior da igreja vista de longe representaria menos mal um castello gothico a não ser a flecha ponteguda que de tempos mais modernos levantaram sobre a torre dos sinos que era terminada por um terrado cercado d'ameas. A architectura anda ordinariamente a par dos costumes dos povos; na meia idade era simples, forte, e grosseira como o era o estado da civilização: os templos quasi que representavam uma casa fortificada; e assim devia ser em um tempo de frequentes invasões: era preciso pôr os Santos ao abrigo das devastações musulmanas, e os encerravam assim dentro de recintos fortissimos.

O portal da entrada principal não é destituido de certa elegancia, como se vê do desenho; assemelha-se muito ao da sé velha de Coimbra, e ao de *Notre Dame* de Paris, que são quasi contemporaneos. As tres estatuas de Santos ahi colocadas estão mui gastas e deterioradas do tempo; assim como está outra de mui grosseira escultura que se vê na simalha ou ponta d'um dos gigantes exteriores, o 2.º da banda do norte correndo da porta principal. Das informações que nos mandaram consta que esta estatua é a figura symbolica de Rattes; cousa que nos custa a acreditar por ser totalmente alheia dos costumes do tempo. As frestas nas paredes da igreja e da torre são ou circulares ou oblongas, mui estreitas estas segundo os preceitos da arte; com o que fica mui obscuro o interior da igreja, que era outro predicado caracteristico das construcções religiosas da epocha, mais conforme com o respeito e devoção do que a demasiada luz das igrejas á romana. A fresta quadrilonga que se nota na fachada

da igreja é visivelmente de data posterior, até pelo mau gosto e disparatado de sua conformação. A tradição diz que a fresta primitiva era um florão redondo, e que por dar pouca claridade foi substituída pela actual.

Os reaes fundadores não se limitaram á erecção da igreja de S. Pedro de Rattes, no anno de Christo 1100, elles fizeram construir igualmente ahi pegado casa ou mosteiro claustral, e de tudo fizeram doação aos monges da charidade: era esta a denominação com que eram conhecidos no reino estes religiosos monachos estrangeiros, que chegaram a ter em Portugal alguns conventos, e muitas propriedades em Lamego e Coimbra, alem das da provincia do Minho. Admittidos com tanto favor e consideração no paiz em tempos do conde D. Henrique, e desaparecidos no de seu filho elrei D. Affonso Henriques, não será fóra de proposito dar aqui uma breve noticia a este respeito.

Dos monges da Charidade, primeiros habitantes do mosteiro e igreja de S. Pedro de Rattes.

Todos sabem que o tronco de nossos reis, conde D. Henrique, era francez borguinhão, oriundo da casa real dos Capetos, cujo segundo ramo começado em Roberto o Velho, duque de Borgonha, foi o fundador daquelle poderosissimo principado que chegou a hobrear com a propria monarchia franceza, até que acabou em Carlos o Temerario. Este principe conde D. Henrique trouxe ao reino muitos estrangeiros que apontam as historias, e delles os demais eram francezes. Dentro do proprio ducado de Borgonha estava o celebre convento de Cluny, que no anno de 910 fundára Guilherme conde d'Auvernia e de Berri; tornado tão florescente no decurso d'um seculo que quando em 1011 o papa Calixto mandára o abbade de Cluny compor as desavenças da successão de Castella, Leão e Galliza na menoridade de D. Affonso Raimão, tinha aquella ordem mil mosteiros espalhados desde a França até Portugal. Os principes mesmo da casa de Borgonha tiveram em tal conta a casa capitular de Cluny que Hugo, duque reinante, irmão mais velho do nosso conde D. Henrique, desde o anno 1075, vendo-se sem filhos, abdicou em seu immediato irmão Eudes, e entrou professo no dito mosteiro em que foi abbade. Eis o segredo da predilecção dos fundadores de S. Pedro de Rattes, que chamando alguns padres da mesma reforma, especialmente dos do priorado de Santa Maria da Charidade junto ao rio Loira, lhes fizeram a amplissima doação que copiou Fr. Antonio Brandão na 3.^a P.^o da Mon. Lusit. lv. 2.^o cap. 23, dizendo nella = tinham achado a igreja toda destruida e erma *a longis retroactis temporibus.* =

Permaneceram ahi estes monges francezes até os tempos d'elrei D. Affonso Henriques, o qual como grande politico vendo que estes padres não queriam constituir administração e governo á parte, mas obedecer sempre á casa capitular de Cluny, os despediu, e as rendas foram distribuidas por outras ordens, entrando no mosteiro de Rattes os conegos regrantes de St.^o Agostinho no anno de 1152. Extincto alli o mosteiro [não sabemos quando] ficou sendo a igreja, matriz da villa de Rattes, que muito figurou nos primeiros seculos da monarchia. O arcebispo de Braga D. Balthazar Limpo trouxe d'alli para a sé de Braga as reliquias de S. Pedro, no anno de 1552, mas os habitantes da villa per-

tendem ficára uma reliquia da cabeça do santo, que guardam e expõem no dia da festa com grande solemnidade.

J. C. N. C.

ANECDOTA.

ACHANDO-SE Buonaparte, commandante em chefe do exercito francez da Italia no tempo da republica, acampado no Piemonte, recebeu ordem do directorio executivo para = apoderar-se por interpreza [*coup de main*] dos enormes thesouros de Nossa Senhora do Loretto no territorio romano. = Ora o general que tinha assaz tino e prudencia, e alem disso não quiz cometter uma empreza por então ariscada, não deu resposta á mensagem, que tinha por fim saciar a avareza dos membros do directorio; dissimulou, e sem alterar o plano de suas operações militares não metteu no calculo aquella rapina. Passados tempos a fortuna de suas armas o levou até aos estados pontificios, e chegando ao Loretto achou o santuario despejado completamente das preciosidades apetezidas, mas não deixou de enviar, talvez por ironia, ao directorio a imagem da senhora, dizendo-lhe ser o unico thesouro que lá encontrára. Os do governo vendo diante de si uma estatua de páu de cedro, muito trigueira e muito tosca, mandaram recolhe-la n'um canto do museu da rua *des Mathurins*, donde em 1801 o papa Pio 7.^o a fez conduzir a Roma, e d'ahi ao seu templo do Loretto, onde ainda hoje se venera.

OS MARMORES DE PÁROS CONSIDERADOS COMO MONUMENTOS ARCHEOLOGICOS.

AS ESPECIES de marmore mais conhecidas entre os gregos eram as da ilha de Páros, n'uma das cidades, patria do celebre poeta Archiloco, e as do monte Pentelico n'Attica, ao norte do qual se encontra a notavel planicie de Marathona, onde Milciades á frente de dez mil athenienses desbaratou mais de cem mil persas. As estatuas antigas nos offerecem ainda hoje estas especies capitales de marmores gregos; a saber um de granito miudo, que se assemelha a uma massa esbranquiçada ou cór de leite; e outro de granito maior, semeado d'umas particulas brilhantes, como grãos de sal, sendo por isso chamado marmore salino. É do marmore encontrado no sobredito monte [que parece ser desta segunda especie] que foi feita a bella estatua de Pallas da cidade de Albano na Italia.

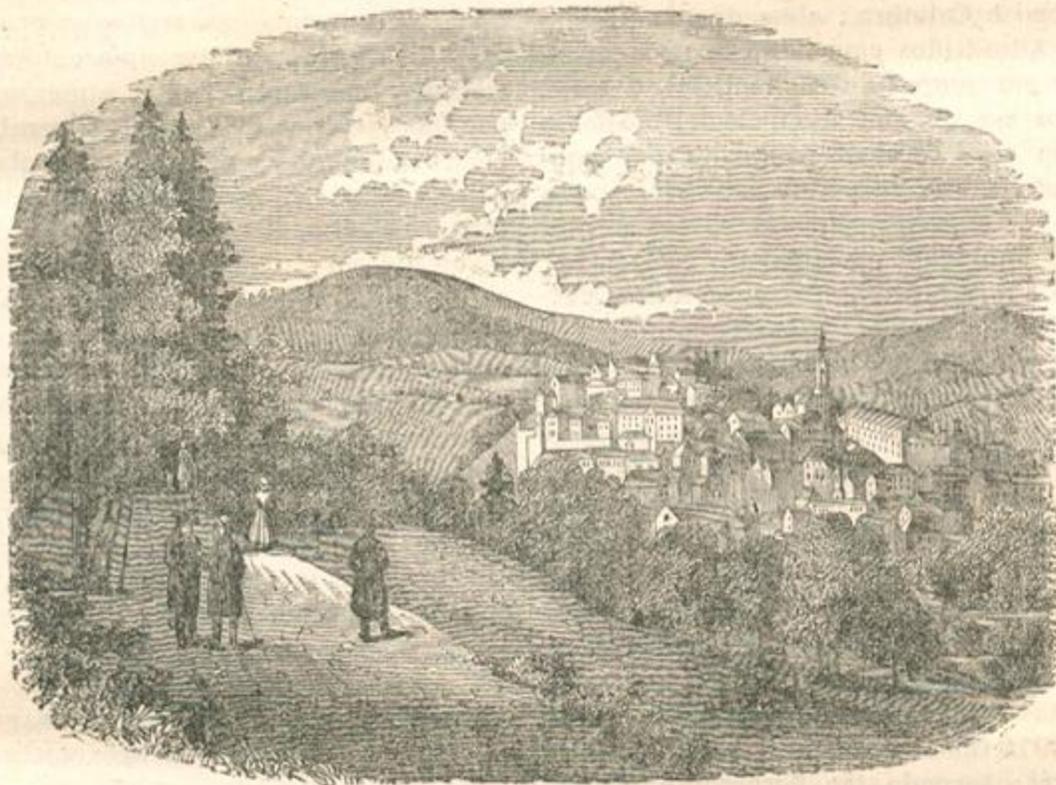
Plinio é de opinião que não se começou a trabalhar em marmore senão na quinquagesima olympiada; no emtanto só isto se deve entender a respeito das figuras inteiras. Porem os marmores de Páros foram sempre tidos em grande estimação; e até são considerados pelos amantes d'archeologia como um bello recurso na investigação d'alguma passagem dos fastos da Grecia. Na verdade vê-se muitas vezes que os marmores de Páros são citados como auctoridade, quando se trata de fixar a data d'algum acontecimento da historia grega antiga. É necessario saber que nesta especie de marmores se acham gravadas as taboas chronologicas, que comprehendem um intervallo de 1228 annos desde a exaltação de Cecrops ao throno d'Athenas, 1582 antes de J. C., até ao anno 354 antes da mesma era. Estes monumentos tão preciosos para o estudo da historia antiga, foram descobertos na ilha

de Páros no principio do seculo 17.^o: estiveram algum tempo em poder do senhor de Peirese, homem litterato e conselheiro no parlamento de Provença, que floreceu entre os annos de 1580 e 1637; este os vendeu depois ao conde d'Arundel, o qual os fez transportar para Inglaterra: hoje existem no museu da universidade d'Oxford. Prideaux publicou traduzidas estas taboas em latim em 1676: a sua traducção acha-se reproduzida nas taboas chronologicas de Lenglet-Dufrenoy. Conjectura-se que o auctor da chronica dos marmores de Páros vivia

perto do anno 263 antes de J. C. no tempo do archontado de Diognetes.

Ha monumentos, que sendo pouco uteis ao historiador e ao antiquario só servem de alimento para a vaidade e curiosidade; porem outros são na verdade, como os de Páros, de uso proficuo, adquirida a certeza da sua authenticidade, significação e veracidade (*). — J. C. da S.

(*) Vide sobre os marmores em geral, e as pedreiras mais conhecidas em Portugal a pag. 35 do vol 2.^o da 1.^a Serie.



BADEN-BADEN.

PARAISO d'Allemanha—chamam os estrangeiros á cidade de Baden; é n'uma breve expressão um grande elogio: — tão afamada por sua bella situação, como por suas caldas medicinaes, é tambem appellada — a rainha dos banhos d'aguas mineraes daquella vasta região; porque a Carlsbad dão o titulo de rei de todos elles: — geralmente se diz Baden-Baden para a distinguir de outras d'igual denominação na Suissa e proximo a Vienna. Tendo sido por espaço de seis seculos residencia dos margraves do territorio adjacente [antes destes se mudarem para Rastadt], teve a preeminencia de dar o nome ao Grão-Ducado de Baden (*), em cujo centro é sita a distancia de 5 milhas ingl. do Rheno e Rastadt, a 18 da sua formosa capital, Calrshure, e á borda da tão decantada Selva-negra e da estrada real de Francfort para a Suissa. Facil é de ver quão vantajosa é esta posição para a frequencia dos banhos, accrescendo a amenidade do logar: a maxima concorrencia é nos mezes de julho e agosto, posto que, havendo bom tempo, affue muita gente desde o começo de maio até fins d'outubro; ha annos de subir o numero dos banhistas a 14:000 pessoas entrando os que vem por mera recreação; todos deixam

na terra acima de milhão e meio de cruzados: — estas aguas usam-se tambem internamente, como as nossas das Caldas da Rainha: são ellas impregnadas de sal, enxofre e alumina, e brotam de treze nascentes n'um sítio a que chamam *inferno*, onde no tempo mais frigido nunca se coalha a neve; da mais quente trazem em pipas a agua á cidade para fornecer os diferentes banhos, e no transporte pouco perde de sua quentura: sobre a principal foi construido um salão magnifico que é a copa onde se bebem as aguas. Junto a um dos mananciaes tambem se edificou outro edificio para os banhos de vapor.

Durante a estação dos banhos, todos os dias em Baden são de festa. Os logares de distracção e recreio são numerosos: póde um estrangeiro demorar-se algumas semanas, e todos os dias hade ter um novo e divertido passeio. Ao fallecido grão-duque, Carlos, pai do actual reinante, se deve a obra sumptuosa que intitulam *casa de conversação*: aquelle principe comprou uma porção de terreno ao sul da cidade, onde fez levantar o nobre edificio, que consta de salas e galerias, tendo contiguo á direita o theatro e a bibliotheca, e á esquerda casa de pasto e bilhares com tal ordem, serviço e luxo, que não desdiz dos melhores estabelecimentos deste genero de Londres e París: os jardins, a matta, as alamedas, tudo com grandeza, fazem este sítio sobremaneira delicioso: no parque ha varias paragens para descanso dos que passeiam, sitas em pequenas alturas, onde se vai ter sem cansaço de subida;

(*) Data de 1805 a existencia politica deste estado soberano, que é o setimo na ordem dos 39 que compoem a Confederação Germanica. A sua população actual calcula-se em 1:200:000 almas, dois terços da qual segue a religião catholica romana. O contingente que deve fornecer ao exercito da Confederação consta de dez mil homens de todas as armas e fórma a 2.^a divisão do 8.^o corpo de tropas.

d'uma destas, a *Cabana de Sócrates*, é tomada a formosa vista da cidade que a nossa gravura representa.

Baden foi colonia dos romanos com o nome de *Civitas Aurelia aquensis*: reservámos para outra occasião tratar de suas antiguidades e monumentos.

O PHAROL FLUCTUANTE.

(Conclusão).

UMA tarde que me assentei á proa, Morvalden que estava só veio tomar logar ao pé de mim; havia tempo que mostrava procurar-me; o seu character brando, e os continuos maus tratos que recebia quer de sua mulher, quer do seu inferior, tinham-me disposto a favor delle: e vi-o nesta occasião tão abatido de espirito que me resolvi a fallar-lhe.—Morvalden, que tendes? o que vos dá pena? — Não me respondeu; pelo que renovei a pergunta.

—Dizei; o que vos succedeu?..

—Estou perdido!... de todo perdido!... —

E ás minhas instancias não dava senão estas palavras, que comtudo misturava ás vezes com os nomes de Anguerstoff e Marietta. Era a dor, de ha muito concentrada, que queria desafogar-se. Entretanto serenou um pouco; e disse-me:—

—Desculpai-me; não cabe em minhas forças reprimir a minha magua... tendes visto o que é passado... e é crível que uma mulher, em que tanto confiava, por quem fiz tantos sacrificios!... Foi esse desprezível Anguerstoff que a lançou na perdição... Antes delle apparecer, viviamos, senão felizes, tranquilllos;... força é que elle usasse d'alguma feitiçaria... Attendei, [acrescentou depois d'alguma pausa] ainda aqui não pára tudo... não ficam só nisto... querem... querem assassinar-me!...

—E quem, desgraçado homem, vos metteu isso na cabeça?...

—Sim senhor, hãode matar-me: bem vedes que os empeço; nada haverá que não ponham por obra para se descartarem de mim... Reparai; lá estão ambos conluindo-se... quem estivesse ao pé bem os ouviria fallar em morte... —

—Mas então porque não fugis daqui a demandar a protecção das leis?...

—Fugir!.. não me dariam tempo: e afóra isso, a terra me é vedada. Crêdes que por minha vontade estou mettido nesta prisão?... Não, não; estou pagando as culpas da minha mocidade. Eu era fogoso, e cheio d'ambição, não por amor de mim, mas por causa della, e n'um momento de tresvario... mas a que vem o que eu fiz?... para aqui fui mandado; presinto que daqui não sahirei... Matar-me-hão, como vos digo: uma voz intima assim m'o está clamando noite e dia: e o mesmo lhes leio nos olhos... —

—Não vos entregueis a tão medonhos presentimentos: a vida solitaria vos enferma a imaginação... sêde homem; mostrai animo firme.

—Não vivo solitario; centenares de navios, de todos os lotes, de todas as nações se tem perdido neste banco; os cadaveres dos naufragados por ahí andam ao som d'agua... quantas vezes, alta noite e por entre a nebrina divisei vultos humanos que se mechiam nas ondas! Quaes eram essas almas em pena!.. Que faziam por horas taes em tal sitio?... Só Deus o sabe... Muitas vezes tambem ouvi a

bulha de vozes que sahia do profundo do mar... Ah que por certo não se hade dizer que vivo em solidão!... —

—Isso são chimeras... voltaí á razão: os desastres que tendes visto vos revolveram o juizo. —

Depois de breve meditação, o meu interlocutor deliberou-se a fallar-me sem reboço, relatou-me a causa dos seus dissabores, que tinha completamente averiguado; e com a mesma sinceridade me referiu as contendas porfiadas, que tivera com Anguerstoff, e como a sua fraqueza phisica déra a este o predominio: no calor que tomou durante a narração conheci-lhe aquella debilidade moral, que abate certos homens, mas que desaparece quando chegam a ser vivamente provocados: — comecei a temer a solução do drama tragico por algum assassinio, ou perpetrado pela insolente valentia de um, ou por um lance imprevisito da desesperação do outro.

Dois dias depois desta conferencia, succedeu nova rixa entre os dois rivaes, suscitada pela bagatella da limpeza dos candieiros do pharol; Morvalden, que procurava a primeira occasião, não podendo competir com a rizeza muscular do seu adversario, recorreu ao ferro insidioso, e atraz de uma facada inefficaz secundaria com outra se eu não estivesse presente para os apartar, e aquietar ostensivamente. As provocações vinham sempre de Anguerstoff; corrêra o sangue deste, postoque a ferida fosse leve; custava a aplacar como uma fera embravecida. — Observei que Marietta o tratava com desvelo, e que a espaços se entretinham em longas e misteriosas conversações.

No dia immediato, ao cahir das sombras, Anguerstoff subiu á ponte para fazer o seu quarto de vigia ao pharol: pelas suas predisposições estava eu inquieto; conservei-me ao pé delle: nem palavra démos um ao outro. — Á meia noute, Morvalden veio render Anguerstoff, que foi deitar-se: Marietta estava recolhida em sua pousada: tudo estava socegado.—O canção das vigalias precedentes, e das mortificações que experimentava, a tranquillidade que esperava no restante da noite, me resolveram a procurar algum breve repouso: recolhi-me á minha estreita camara; difficil me foi conciliar o somno, mas a final cedi á fadiga; todavia sonhei horivelmente, com maior afflicção que a de um pesadêlo; parecia-me ouvir bulha de passadas e de gritos abafados: — tão vehementes chegaram a ser estas sensações que me despertaram... Não era illusão; um gemido de agonisante soou-me nos ouvidos; seguiu-se-lhe outro, e logo outro. — São rapidamente do beliche; e dou de rosto com Marietta:

—Que gemidos são estes?

—Gemidos!.. não sei... — me disse balbuciante.

Sem lhe responder subo aos pulos a escotilha, o alçapão estava fechado.. empurro.. e resiste-me... e ouvia sempre aquelles sentidos clamores, que se iam de mais em mais enfraquecendo... reassumo as forças e o tampo cede.. e o que vejo no convez... Anguerstoff.. e estava só!

Veio a mim... — «Que desgraça! [me disse com voz convulsa] Morvalden cahiu ao mar... sim, senhor, cahiu ao mar! Bradou soccorro; acudi, e viu-o atido a uma amarra, mas uma onda levou-o, sem eu lhe poder valer... Percebeis-me... Morvalden foi ao mar...» —

Estive algum tempo sem fallar; porque o horror me impedia a voz: a final fui senhor de mim.

— E este sangue? . . . de quem é este sangue?!
— Ihe disse pegando-lhe das mãos, e indicando-lhe os claros vestígios.

— De Morvalden . . . todo o cabo a que se ape-
gou está sujo delle . . . e também rebentou-me a
ferida com a força . . . tenho estado a compô-la . . .
e com uma legião de diabos não heide eu estan-
ca-la? . . . —

E desceu á pousada de Marietta que atroava o
casco do navio com hypocritas lamentações.

Consummára-se um assassinio abominavel . . . no
convez, ao pé do mastro, e nas pranchas da borda
existiam vestígios de sangue. — Passei por algum
tempo, ora pensando no horrendo successo, ora no
meu futuro destino, até que decidi-me a descer, e
achei Anguerstoff arrimado a uma mesa com a ca-
beça entre as mãos, dormindo o somno da embria-
guez: o infame para se atordoar e abafar a remi-
niscencia do delicto fartou-se de bebidas espiritu-
osas. — Não vi Marietta . . . atirei comigo acima de
um banco, resoluta a passar ahí o resto da noite:
o candieiro pendurado do tecto apagou-se, fiquei
nas trevas. De quando em quando o assassino, mes-
mo a dormir, soltava gritos, demonstração dos es-
pantosos sonhos que o assaltavam: intercadentem-
te dizia . . . — «Iça o pharol . . . apêa que as luzes
não ardem! É sangue, não é azeite! . . . Venha o
bote . . . o bote! . . . o corpo vem ao lume d'agua . . .
hãode vê-lo . . . Morvalden . . . como braceja n'a-
gua . . .» — E rangiam-lhe os dentes, e tinha os
membros convulsos . . . que horrivel aquelle som-
no! . . .

Logo que alvoreceu subi ao convéz: Marietta an-
dava trefega apagando os vestígios do crime noctur-
no. — Resolvêra eu dissimular com ella e o seu
cumplice, e esperar, para os denunciar á justiça,
o termo do meu captivo; queria evitar toda e
qualquer allusão ao que se tinha passado. — An-
guerstoff appareceu pelo meado do dia, vinha des-
corado, desconcertadas as feições, e nos olhos amor-
tecidos revelava a turbação que debalde forcejava
por occultar; assim que me poz a vista mais sobre-
saltado ficou; todavia com affectada presença d'es-
pirito disse-me: —

— «Com effeito perdemos o nosso Morvalden . .
grande pena foi; mas que remedio! . . . Agora vi-
giaremos ambos o pharol; e pelo primeiro barco,
que apparecer, ireis para terra . . . no entanto seja-
mos amigos . . . Não hajais medo; que em mim te-
reis sempre bom companheiro.» — E apertou-me a
mão com violencia; e a sua mão ainda tinha o ca-
lor do sangue recente do desafortunado Morvalden!

Pela tarde descobri ao largo um batel que aproa-
va para nós: o par assassino e adúltero estava no
beliche: não lhe quiz dar esta nova, e fui obser-
vando a embarcação que avultava ao approximar-
se; mas assim que ella chegou a milha de distan-
cia virou em cheio no bordo da costa: arvorei logo
o meu lenço no cabo de um remo, meneando-o pa-
ra signal de chamamento. Eis que neste ensejo ap-
parece Anguerstoff, e arrancando-me o remo e o
signal, ameaça-me de me deitar pela borda fóra
se repetisse a minha tentativa. — Seguia-o Mariet-
ta, que lhe gritou: — «O maroto quer safar-se . . .
toma tento; não o deixes . . .» —

— «Não deixo, não; que não sahirá senão quan-
do eu lhe der licença: ou então hade acontecer-
lhe . . .»

— «O mesmo que a Morvalden . . . — respondi
de prompto no auge da colera.

— Que duvida! . . . Não ireis contar o que foi
feito de Morvalden . . . á menor tentativa, esgano-
vos; diabos me levem se o não fizer . . .»

Atalhado nos meus designios d'evasiva, traba-
lhei por dissimular a minha pena, resultante deste
contratempo: todavia era já meio sabido o meu se-
greto; e o que eu dissera, e o tom com que o dis-
sera, de sobejo eram para Anguerstoff estar preca-
tado; de fórma que não me perdia de vista; de
continuo examinava com o oculo o horisonte; res-
mungava ameaços contra mim, e bem conhecia eu
que espreitava a melhor occasião de me deitar ao
pelago. Puz-me a considerar com alguma frieza a
minha situação: estava em poder de duas almas
perdidas; porem como esta má gente não tinha ar-
mas de fogo, e a minha robustez phisica era das
mais possantes, deliberei-me a resistir-lhe, guar-
dando a devida cautela: tomei a resolução, se me
acomettessem, de vender cara a vida. Passou-se a
noite sem me inquietarem: sobre a madrugada per-
cebi que me entrincheiravam a sahida do beliche,
e ao mesmo tempo me pareceu que sentia as pan-
cadas de remos na agua, e conheci o embate de
um barco que atracava ao costado do nosso casco;
distingui fallas estranhas.

— «Como vai Morvalden? . . . perguntavam os de
fóra. —

— «Passa bem, muito bem» respondeu Anguer-
stoff. —

— «E porque não apparece hoje? . . . —

— «Está tão mal que não quer sahir da maca . . . —

— «Como é isso . . . zombas de mim! . . . Passa
bem e está doente, tudo a um tempo aposto
que ainda dorme no beliche . . . —

— «É verdade . . . mas, que novidades correm
lá pela costa? . . . —

— «Nada; á excepção d'um homem afogado que
o mar arrojou acima dos penedos: vistas as feridas
do cadaver, suspeita-se que a morte não foi obra
só da tormenta; e tem isso feito um arruido de mil
demonios; os ministros e a sua gente guincham co-
mo um bando de gaivotas; e diz-se que vão mandar
uma chalupa com um official de justiça correr cos-
ta para indagar a que navio falta um homem . . . a
cousa está mal encarada! . . .»

Fez-se pausa por alguns segundos: — e Anguer-
stoff replicou: —

— «Com que então um official de justiça
n'uma chalupa? . . . e quando será isso»

— «Póde ser que esta manhaã, ou talvez que de
tarde Em fim que temos nós com isso?»

— «Sim . . . que temos nós com isso? . . . Não que-
ro demorar-vos, mestre Christierno . . . o dia está fa-
zendo ameaças de mau tempo . . .» —

— «Póde ser alguma refega de vento . . . En-
tão não me quereis comprar peixe? . . . não? . . . vou
leva-lo a outra banda Oh! já me esquecia . . .
perdeu-se aqui ha dias um navio . . . salvar-se-hia
alguem? . . .» —

— «Que eu saiba, nem viva alma.» —

Tornei a ouvir a bulha dos remos e as vozes su-
miram-se ao longe. Logo que perdeu de vista os
pescadores, Anguerstoff baixou a desempecer-me a
porta da camara: sahi logo, mas sempre acautelado:
achei-o mais descorado e esmorecido que na
vespera: aquelle homem, de paixões arrebatadas,
succumbia aos remorsos do crime; ao ver-me, não
abriu boca; teria apenas vigor para pensar. — Ma-
rietta veio e travou-lhe do braço, dizendo: — «En-
tão dás credito á novidade do peixeiro? . . .»

— «Dou, sim! [exclamou elle sabindo da sua especie de modorra]... Sim, e breve o veremos.»

— «Oh céus, que hade ser de nós!... Anguerstoff, procura algum recurso; lembra-te d'algum meio!... não podemos ficar aqui!»

— «E porque não?... Por Deus, ou o diabo, tenho eu cá medo dos beleguins da justiça!... Tu: mordança na boca!... Se vierem, hão de ser bem hospedados...» — E soltou uma gargalhada fingida.

Em vão forcejava o malvado por se disfarçar, querendo enganar-me, e illudir a si proprio: de momento para momento recrescia-lhe a agitação de espirito: ora se sentava, ora se erguia, não podia parar um minuto em qualquer parte; — encheu uma taça de genebra e despejou-a de um gole, e entrou a andar pela coberta. Refrescava o vento soprando da costa; deste lado se agglomeravam carregadas e volumosas nuvens: para abi de continuo Anguerstoff punha a mira: esperava que a medonha apparencia da atmosphaera embargaria á chalupa fazer-se de vela; a cada instante lançava mão do oculo, ancioso examinava esse arco do horisonte, e depois respirava com mais franqueza: até que enfim atirou com o instrumento ao chão bradando: — «Ei-los conosco!» Marietta chegou-se a elle... repelliu-a asperamente... imminente o perigo, tinha o facinoroso recobrado o seu destemido desembaraço; deitou mão d'um machado e arrojando-se contra as correntes e cabos que suspendiam aquella cábria, partiu, cortou os da pópa e os da proa, até que o navio desamarrado começou a mover-se pesadamente e a boiar ao som d'agua.

— «Venham! venham cá! — berrava o assassino, como se o repassasse prazer frenético.

Nem leme, nem velas tinha a nossa embarcação para se lhe dar algum rumo: era tão violento o balanço que me derribou por vezes; os vagalhões, a que não podia esquivar-se, a tomavam de costado, ora de bombordo, ora de estibordo, então abicava como prestes a soçobrar. Anguerstoff pateava como doudo furioso; e praguejava como alma damnada: — «Vamos á tona d'agua! a pique!... sobre o temporal, assobie o vento!... Vamos com todos os diabos!» — No entanto a chalupa que nos perseguia mostrava-se semelhante a um ponto negro a muitas milhas de distancia. Com a vista a chamava em meu soccorro, calculava o espaço á medida que para nós se adiantava; e chegaria ella a tempo!... d'istante para instante estavamos a ir ao fundo... Percecer no momento em que estava a ponto de ser salvo... oh que lastimosa crise!

A chalupa continuava a dar-nos caça... começava eu a crear boas esperanças... eis que a tormenta, que a manhaã promettêra, desfechou rijamente, quando a noite cobria de sombras espessas o mar... o navio libertador sumiu-se na distancia e escuridade. — A cerebrina exaltação de Anguerstoff attenuava-se a pouco e pouco: a final elle e Marietta afferraram-se ás amuradas; e surdos ao estrondo da tempestade, insensíveis ao perigo, olhavam-se mutua e estupidamente, segurando com as mãos convulsas o appoio a que se apegavam: causavam ao mesmo tempo horror e lastima!...

Que rumo levavamos?... A que praias arrojaria o vendaval a inerte mole da nossa embarcação?... Tremenda era a incerteza! De subito excitou-me a attenção um bramido extraordinario superior ao das ondas, e que mais e mais se augmentava: escutava-o e com temor de reconhecer a causa: mas não foi possível permanecer illudido por mais tempo..

a distancia de uma amarra, um dilatado corpo de rochas, em que o mar batia furioso, ao quebrar a ressaca despedia aos ares repuchos espumantes, ao passo que o vento se entranhava com temeroso rebombo pelas cavidades dos penedos... para ahi nos arrastrava impulso irresistivel: era forçoso morrer... A Deus encomendei minha alma... N'um abrir e fechar d'olhos, a embarcação recuou sacudida por um estremeção horrivel; depois a vaga levantou-a e atirou com ella sobre um banco d'areia, onde ficou encalhada... Não me desamparou neste apuro a presença d'espirito: o mar, ao retrahir-se, deixava em redor do casco apenas uma altura de dois a tres pés d'agua: — aproveitar a occasião, atirar-me pela borda fóra mediante um cabo atracado, e chegar aos rochedos, foi tudo obra de um minuto. — A vista da minha audaz tentativa, Anguerstoff despertou da stupefacção, empreendeu imitar-me, mas no acto de descer recresceu o mar com tamanho impeto que se viu obrigado a subir precipitadamente ao convez.

Affoutei-me a trepar pelas rochas escarpadas e escorregadias, até que tive de sentar-me pelo cansaço: — perdido nas trevas nocturnas, rodeado de precipicios, não ousei bulir do logar a que me trouxera a Providencia, e esperei resignadamente pela luz da alvorada, encantoando-me no angulo que faziam dois rochedos, a cuja abertura outro servia de anteparo: deste abrigo ouvia mugir o mar lá em baixo, porque a tempestade, em vez de apaziguar-se, redobrára a furia: — não acho phrases que descrevam aquelle tumultuar dos escarcéus, aquella confusão dos elementos; uivava o vento, crepitava o aguaceiro, e o echo da ressaca parecia rebombo de trovões.

Assim que amanheceu, divisei um troço de gente que baixára das eminencias contiguas á costa: dei-me pressa a ir-lhe ao encontro para certificar-me da sorte de Anguerstoff e Marietta. — O casco do pharol fluctuante havia completamente desaparecido: debalde pesquizei os cadaveres daquelles miseraveis; mas as caixas, as pranchas quebradas, os fragmentos de varia casta, que boiavam ao lume d'agua, annunciavam-me com toda a clareza que estava satisfeita a justiça divina. —

MIGUEL ANGELO.

ESTE homem extraordinario foi ao mesmo tempo grande architecto, pintor insigne, escultor famoso, e bom litterato. No seu tempo exerceu com effeito a soberania do genio. Depois de haver levantado em Roma aquella maravilha da igreja consagrada ao primeiro pontifice, o principe dos apostolos, foi chamado successivamente pelo imperador Carlos 5.º, Francisco 1.º, e o Doge de Veneza, pertendendo todos implantar no seu respectivo paiz alguma amostra do genio do grande homem. O imperador dos turcos, Solimão 1.º, deslumbrado pelo brilho do seu nome, julgava-o quasi omnipotente, e mandou convidá-lo para ir a Constantinopola — e engenhar-lhe uma ponte sobre o isthmo, que unisse a Asia á Europa. — Idéa gigante, e condigna homenagem prestada ao talento portentoso do grande artista. O duque de Médicis, estando em pé quando recebeu sua visita, o fez sentar; e como quer que o velho Miguel Angelo hesitasse em acceitar aquella honra extraordinaria, aquelle o tomou pela mão, e sen-

tou-o dizendo-lhe = o genio, meu amigo, é tambem uma realza. =

Miguel Angelo passou em Florença os seus derradeiros annos: a casa em que habitou é ainda conhecida e visitada de naturaes e estrangeiros com religiosa veneração: e, cousa extraordinaria! é ainda um de seus descendentes directos, um Buonarrotti, que a possui.

Como todos os homens d'elevado merito, Miguel Angelo era o primeiro elogiador e honrador dos grandes talentos. Vendo em Florença as tres magnificas portas de bronze do Baptisterio, ou igreja de S. João, fundidas e esculpidas por André Pizano e Ghiberti, cuja belleza e fino trabalho causam admiração aos mestres, Buonarrotti extasiado exclamou = Eram dignas de serem as portas do Paraiso. =

Quando a republica de Florença, em 1396, fez um decreto para erigir um monumento sepulchral ao famoso Dante, cujas cinzas jaziam havia muitos annos em Ravenna; a côrte de Roma, que conhecia muito bem o valor do thesouro, negou-lhas. — Miguel Angelo, admirador apaixonado do poeta, trabalhou tanto com suas instancias em 1429 que em fim conseguiu que os florentinos mandassem nova petição ao papa Leão 10.º, que concedeu a desejada translação. Entre as assignaturas dos peticionarios se lia a de Buonarrotti concebida nesta simplicidade amavel e sublime: = *Io, Michel Agnolo, scultore, il medesimo à vostra santità supplico, offerendo-mi al divin poeta fare la sepultura ma condeciente « en loco onorevole in questa città. »* = « Eu Miguel Angelo, esculptor, supplico o mesmo a Vossa Santidade, offerecendo-me a fazer ao divino poeta o mausoleu mais conveniente e em logar honroso nesta cidade. »

O SEGREDO DA ORIGINALIDADE DE ROUSSEAU.

Conta Edmundo Burke em suas cartas sobre a revolução franceza ter apprendido do philosopho inglez Hume, contemporaneo e amigo de João Jacques, o segredo da originalidade deste, referido por elle mesmo n'um momento de franqueza e de effusão d'amisade. Rousseau acabava de chegar a París, expulso dos cantões suissos, onde os magistrados e o povo escandalizados de seus escriptos o privaram do asylo, que ahi buscára contra outras perseguições experimentadas em França por igual motivo. París com effeito, apesar destes tropeços, devia ser naturalmente a terra de predilecção para um homem a quem a celebridade e o renome era necessario alimento. Hume compadeceu-se da situação precaria e mesquinha d'um homem celebre, e o convidou a segui-lo a Londres onde effectivamente estiveram commensaes no anno de 1766. Foi neste intervallo, de muito concorde harmonia e amisade, que João Jacques contou e revelou a Hume o segredo de seus principios. = Este fino observador, dizia Hume, se havia convencido que para fazer impressão, para interessar o publico, era preciso o maravilhoso: que desde muito tempo a mythologia com seus falsos deoses, com suas methamorphoses e transformações, havia perdido seu effeito; que os gigantes, os magicos, as fadas, e os heroes da cavallaria e dos romances, que lhe succederam, tinham já esgotado a porção de credulidade e interesse que tocou ao seu seculo: assim que, um escriptor já não tinha outro maravilhoso a empregar senão o maravilhoso da vida, das maneiras, dos

caracteres, e das situações extraordinarias, por meio das quaes podesse imprimir emmoções fortes, effeitos profundos e imprevisos, novos tanto na moral como no phisico.

Este desejo e ambição especial, esta paixão dominante de fazer impressão e obter celebridade, explica todo o proceder de Rousseau, a extravagancia de seus habitos e costumes, o contradictorio de suas maximas, ora bellas e admiraveis, ora sophisticas e perniciosas; não menos que o tecido das aventuras e desgraças que encheram sua carreira. Aquella tendencia [e não os conselhos de Diderot como se diz] fez que no programma da academia de Dijon—se o restabelecimento das sciencias e das artes contribuiu para o melhoramento dos costumes—seguisse a opinião paradoxal da negativa. O discurso = sobre as causas da desigualdade entre os homens, e sobre a origem das sociedades = teve o mesmo motor, o empenho da celebridade: ahi o auctor se figurou o entusiasta apaixonado da vida solívaga e selvagem. Nas suas cartas, demasiado conhecidas, mais proprias para reter o sangue e perverter a imaginação do que para servirem de modelo no genero mesmo a que são destinadas, ostentou uma exaggeração de sentimento, um desregramento de paixão que, por fortuna, está fóra do alcance ordinario do genero humano. No seu Emilio diz que se propoz tecer o curso de educação d'um mancebo christão, e ahi mesmo recheou a ultima parte da obra de objecções contra o christianismo. O seu Contracto Social desempenha tão pouco este nome, que torna desculpavel a inversão satyrica e malevolente de Voltaire que lhe chamou = Contracto antisocial. = Em todos seus escriptos respira uma affectada misantropia, um desgosto e aversão á sociedade e comunicação dos homens, não menos que amargos queixumes de sua indigência; ao mesmo tempo que ninguem foi mais melindroso e irritavel, quando lhe faltavam com os applausos e admirações, ou lhe dirigiam censuras que suas imprudencias mesmo lhe acarretavam: quanto á pobreza inculcada, todo o mundo sabia que elle teve sempre seguros e indefectivos seus meios d'existência. Sua originalidade chegava ao ridiculo: nos primeiros tempos em que residiu em París vestiu-se d'Armenio, fóta na cabeça, barba comprida, e túnica até aos pés, atada na cintura por uma corréa. Rousseau morreu como viveu, fóra da natureza, estranho á sua deviza escolhida: deixou uma obrinha intitulada = *Mes Confessions* = que manifestam cynismo descarado. M.^{me} de Bourdic disse della com pico mui espirituoso — que Rousseau deixaria de si melhor reputação de virtude *se morresse sem confissão.*

PENSAMENTOS.

Os homens não inventam verdades; não fazem mais que tirar consequencias e achar as relações das verdades conhecidas. — *Bonald.*

Os elogios e a gloria são a unica recompensa digna do valor: não é com ouro que convem pagar o que só a honra e a gloria deve adquirir. — *Blanchard.*

O verdadeiro valor vinga com estrondo as injurias da patria, e dissimula as offensas pessoaes, ou as perdoa; procura triumphar dos inimigos da patria pela valentia, e dos inimigos seus pela gloria das acções. — *Blanchard.*